

Nota prévia sobre direitos de autor: O presente documento é uma versão PDF disponibilizada no endereço <http://sweet.ua.pt/~f711> do documento publicado segundo a referência abaixo indicada. Este documento pode ser acedido, descarregado e impresso, desde que para uso não comercial e mantendo a referência da sua origem.

COIMBRA, Rosa Lúcia, "O Sol também Sorri na Linguagem Meteorológica", *Latitude*, ano I, n.º 5, 1995, p. 7.

O sol também sorri na linguagem meteorológica

por Rosa Lúcia Coimbra

Numa comunicação apresentada por mim e pelo meu colega e orientador Prof. Doutor John Parker no último encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística, tivemos ocasião de referir vários aspectos estilísticos caracterizadores da linguagem dos boletins meteorológicos televisivos em Portugal. Um dos mais curiosos e que me levou a desejar partilhar com os leitores deste suplemento (poupando-os, obviamente a enquadramentos teóricos algo fastidiosos) é o do emprego da linguagem figurada.

Uma constante que identificámos nos boletins de todos os canais portugueses é que a pouca linguagem figurada que neles surge se limita quase em exclusivo às referências ao sol e às nuvens (ou nebulosidade). A personificação destas forças naturais não é uma novidade dos boletins meteorológicos, se pensarmos no endeusamento de que são alvo em certas religiões da antiguidade e também dos nossos dias (ex: pigmeus, bosquímanes) ou até no sol sorridente dos nossos desenhos de criança.

O mais interessante é que, num texto que se encara à partida como científico e informativo, a dicotomia sol vs. nuvens seja de tal forma personificada e avaliada que nos lembra o par bom vs. mau da fita. Ao analisarmos as gravações dos boletins da hora do serão da terceira semana de Julho passado, verificámos que isto acontecia com alguma frequência. Assim, enquanto o sol "dá espreitadelas" (SIC 20 e 24/07), "espreita" (RTP, 18, 22 e 23/07) ou está "envergonhado" (SIC, 18 e 20/07), as nuvens ameaçam (SIC, 21/07), influenciam (SIC 21 e 24/07), afectam (SIC, 21/07; RTP, 22/07; TVI 18 a 24/07), instalam-se (SIC 18/07), pregam partidas (SIC 21/07), ou seja, são-nos apresentadas como intrusas e indesejáveis.



Na mesma linha destas metáforas personificantes, ou seja, na visão negativista das nuvens, encontramos a associação das nuvens à sujidade que macula o pano que é o céu azul. Assim, quase todos os textos utilizam a expressão clichê "céu limpo" significando a ausência de nebulosidade. Por oposição, na mesma linha, encontramos, por exemplo, a expressão "mancha nebulosa" (SIC, 19/07).

De um modo geral, podemos afirmar que este tipo de textos não procura o uso da linguagem figurada, já que esta não é muito frequente e, quando existe, se resume a metáforas mortas, clichês. Mais do que por um efeito retórico, pensamos que a sua utilização é explicada por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, temos o alto poder sintético deste tipo de expressões (é muito mais fácil dizer "céu limpo" que "céu sem nuvens nem nevoeiro nem nebulosidade", o que faz com que essa expressão se tenha tornado um termo técnico neste tipo de texto). Em segundo lugar, como vimos em relação às metáforas personificantes que referimos acima, a linguagem figurada permite trazer para o texto lexemas que não pertenceriam literalmente à área vocabular nele focada e, deste modo, contribuem para uma maior flexibilidade e variedade lexical, evitando a monotonia do uso repetido dos mesmos lexemas. De qualquer modo, a preocupação estética não é de desprezar.